

O jardim, o coreto e a banda de música: diálogos entre cultura e natureza

ELISA LESSA

Universidade do Minho
elisalessa@ilch.uminho.pt

Resumo

Espaço de descentralização e democratização cultural, o coreto do jardim, enquanto ornamento e sinal da presença de música, remonta a meados do século XVIII. Lugar de festa e de lazer, de desenvolvimento social e cultural, de contemplação e fruição estética, o jardim e o seu coreto revelam aspectos relevantes de significado histórico-cultural. Ao longo dos tempos os jardins foram palco de manifestações políticas e testemunhas de transformações sociais. Espalhados pelo mundo os jardins e os seus coretos revelam a importância do valor do jardim para a qualidade de vida da cidade e a importância da banda no coreto para a vida cultural das populações (Bispo, 2000). Em Portugal o coreto, geralmente colocado em lugar de destaque no jardim das pequenas localidades, acolhia os discursos inflamados da 1ª República e enchia-se de músicos da filarmónica logo depois da procissão. Recorrendo ao campo da pesquisa etnográfica, a presente comunicação aborda, no âmbito das tradições culturais e da memória social, as ligações do jardim, do seu coreto e da banda ao pulsar cultural das comunidades locais em Portugal.

Palavras-Chave: vida cultural; jardins; coretos; bandas

1. INTRODUÇÃO

O significado das praças ajardinadas ou jardins públicos em Portugal para a configuração urbana e a vida social e de lazer das respectivas populações deve ser abordado numa perspectiva multidisciplinar. A maior parte destes espaços possuem um coreto que os marca e onde se realizam com frequência, actuações de bandas de música, que constituíam a principal ocasião para apreciação musical por parte da população e, para os músicos, de apresentação. Uma fruição estética dupla – natureza, espaço ajardinado e música, ao que se juntavam ainda o convívio social e as emoções relacionadas com uma forte consciência comunitária. Os coretos foram, e são ainda hoje, ornamentos únicos capazes de proporcionar experiências exaltantes de diálogo entre a natureza e a música, constituindo um elemento de referência na história local das populações. O cuidado que ao longo dos tempos se dispensou à construção de coretos e à sua integração nos jardins, a sua presença em países de diferentes e longínquas regiões do mundo evidenciam o papel que desempenharam

na vida cultural das vilas e cidades. Espaços colectivos da paisagem urbana (Almeida, 2009), os coretos constituem elementos de importância no estudo histórico do urbanismo e da arquitetura paisagística, tendo em conta a atenção que se dispensou à construção destes espaços e à sua integração nos jardins e o papel emblemático que muitas vezes assumiram em situações urbanas. Quase silenciosos actualmente, embora testemunhos de uma intensa actividade musical no passado, estas construções de cunho ornamental, retiradas ou descontextualizadas dos seus espaços, prejudicam disposições arquitectónicas-paisagísticas patrimoniais.

2. OS JARDINS, OS CORETOS E A SUA MÚSICA

A expansão urbana teve início na segunda metade do séc. XIX e prolongou-se até às primeiras décadas do séc. XX. Com a criação de avenidas e parques nas cidades, as praças ajardinadas e jardins públicos em Portugal introduziram uma nova configuração urbana e trouxeram consigo novas práticas de sociabilidade, de cultura e lazer. Na maior parte dessas praças e jardins, havia espaços intimistas característicos dos ideais do romantismo, espaços essencialmente lúdicos e de animação cultural, e quase sempre um coreto onde as bandas de música actuavam aos domingos e em dias de festa. A maioria dos coretos, lugares de cultura a que a população tinha acesso de forma livre e gratuita, foram construídos após os ideais da Revolução Francesa, entre finais de oitocentos e os primeiros anos do século XX, em madeira ou em ferro, possuindo formas variadas. Construções arquitectónicas amadas pelo povo e símbolos de liberdade surgiram em finais do século XVIII como estruturas móveis, uma espécie de pequeno palco ou estrado, levantado na maioria dos casos no “coração” do jardim. Na Grã-Bretanha os coretos faziam parte dos famosos *Vauxhall Gardens* já no século XVII, onde mais tarde grandes compositores como G. F. Haendel ou J. CH. Bach fizeram ouvir as suas obras.

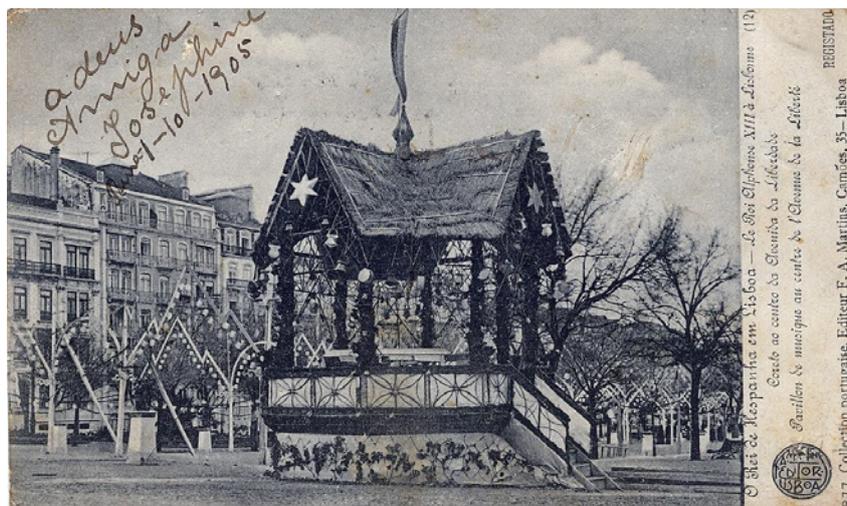


Imagem 1: Coreto da Av. da Liberdade - Lisboa
[Carvalho (2010), <http://www.meloteca.com>]

Nos coretos dos jardins, as bandas de música civis e militares actuavam aos domingos e dias de festa. Segundo os etnomusicólogos, as bandas filarmónicas foram criadas a partir do modelo das bandas militares no que diz respeito a farda, ensino, normas e repertório musical e, por outro lado, nas sociedades filarmónicas que haviam sido criadas em Inglaterra com músicos amadores nos finais do século XIX. As bandas civis formadas por instrumentistas de sopro têm desempenhado, ao longo da sua história, um papel de extrema importância na vida das comunidades onde estão inseridas constituindo-se como centros de socialização e de encontro de gerações, pólos de educação e ensino musical. Com uma prática musical que não sendo caracteristicamente urbana, não é também exclusivamente rural e tradicional, o seu repertório flutua entre dois mundos - popular e erudito - e cada vez mais parece querer atenuar essas fronteiras. Espalhadas pelo país, estas instituições viram ser reconhecido o seu papel, tendo sido instituído em Portugal no dia 1 de Setembro, o *Dia Nacional das Bandas Filarmónicas*. No continente são os distritos do litoral que têm uma forte implantação, mas é no interior e centro que, tendo em conta a dimensão populacional, se identifica um número significativo de bandas. A região autónoma dos Açores é exemplo de um movimento filarmónico extraordinário contando em 1998, segundo dados do Observatório das Actividades Culturais, com 120 bandas (Castelo Branco & Lima, 1998).

3. ALGUNS JARDINS E CORETOS DE PORTUGAL

Em Portugal, existem centenas de coretos espalhados por todo o território. Associados à festa, continuam a ser espaços de animação cultural, onde se realizam concertos de grupos de música popular, bailes e outros eventos. São poucos os que são considerados património classificado e alguns deles foram destruídos ou deslocados das praças e jardins onde se encontravam. Outros ainda encontram-se degradados e abandonados. Genuínos, ricamente ornamentados ou mais simples, redondos, octogonais ou com outras formas, rodeados de grandes árvores ou pequenos jardins cuidadosamente desenhados, colocados junto a fontes ou lagos, os coretos de Portugal continuam a ser símbolos de nacionalidade.

3.1 O JARDIM DA ESTRELA- JARDIM GUERRA JUNQUEIRO E O SEU CORETO

O jardim da Estrela, actualmente designado *Jardim Guerra Junqueiro* foi inicialmente chamado de *Passeio da Estrela*. Construído em meados do século XIX por iniciativa do Marquês de Tomar, tomou como modelo a concepção romântica dos parques ingleses. Foi seu arquitecto Pedro José Pezerat. As plantações foram orientadas pelos jardineiros João Francisco e o francês Jean Bonard. Trata-se de um jardim fechado por um gradeamento em ferro, com portões que permitem a entrada por quatro ruas. Uma das peças emblemáticas deste jardim, além das estátuas e bustos que ainda hoje o embelezam, é o seu coreto, que foi transferido por decisão camarária do *Passeio Público* da Av. da Liberdade para este jardim, em 1932. Trabalhado em

ferro, o coreto possui uma abertura também em ferro forjado, uma base de cantaria e desenhos com motivos indianos nos arcos e colunas. A *Banda da GNR* e a *Banda da Carris* são duas, entre muitas outras bandas, que realizaram inúmeros concertos no coreto do *Jardim Guerra Junqueiro*, outrora palco de concertos filarmónicos a ritmo frequente, a que o público concorria em grande número. Nos *Anais Municipais* da cidade publicados em 1952, há notícia dos concertos realizados nesse ano pela Bandas do Governo Militar de Lisboa:

“[...] Nos coretos existentes no jardim da Estrela e Praça José Fontana as Bandas do Governo Militar de Lisboa realizam concertos aos Domingos, Quintas-feiras e Sábados [...]” (Anais do Município de Lisboa, p.127)



Imagem 2: Coreto do Jardim da Estrela – Jardim Guerra Junqueiro, Lisboa.

O jardim dispõe ainda de cascatas, estufas e um pavilhão chinês. Em 1870, o explorador africano Paiva Raposo ofereceu um leão que rapidamente se tornou uma enorme atracção do jardim,¹ que contava também com aves exóticas e periquitos vindos da Guiné. Em 1931, havia neste jardim cerca de 838 árvores com 32 espécies diferentes. Nas estufas do Jardim, havia já, nesta década, numerosas variedades de plantas, com a possibilidade de venda ao público de flores dos jardins municipais.

3.2 O JARDIM DO PALÁCIO DE CRISTAL E O SEU CORETO.

O Palácio de Cristal foi inaugurado em 1865, por ocasião da Exposição Internacional Portuense. Os jardins foram projectados por Émile David, arquitecto

¹ É um filme de ficção português de 1947, realizado por Arthur Duarte.

paisagista alemão, que inspirado no modelo europeu criou a alameda, o bosque com seus recantos, o lago e a gruta. Durante anos o Palácio de Cristal, que viria a ser demolido em 1951, e os seus jardins foram palcos de variadas manifestações artísticas e de lazer.



Imagem 3: Coreto dos Jardins do Palácio de Cristal
[<http://amen8.no.sapo.pt/Album-Curiosidades>]

No primeiro ano do século XX, o semanário *Gazetas das Aldeias* noticiava um grande acontecimento a realizar no Palácio de Cristal, enaltecendo os seus belíssimos jardins:

“Palacio de Crystal – Nestas noites calmosas nenhum lugar do Porto oferece mais aprasível retiro do que os vastos jardins do Palacio de Crystal, deliciosa estancia que os estrangeiros admiram e invejam. Hoje, edificio e jardins serão esplendidamente iluminados, havendo festejos análogos aos que na noite de S. João ali attrahiram enorme concorrência e tanto agradaram. O festival, em que haverá fogos de artificio na grande avenida e lago, e em que tocarão três bandas de musica, começará às oito horas e terminará à meia noite. Aos nossos leitores do Porto, já hoje felizmente numerosos, aconselhamos a que vão ao Palacio de Crystal gosar um dos mais belos espectáculos que nesta época poderiam proporcionar-se-lhes.” (Gazeta das Aldeias, Semanario Illustrado. Porto: 7 de Julho de 1901, p.14)

3.3 ÉVORA E SEUS JARDINS E CORETOS

O actual Jardim Público de Évora foi construído por iniciativa municipal entre os anos de 1863 e 1867. Foi projectado pelo arquitecto-cenógrafo italiano José Cinatti (1808-1879), responsável também pelos trabalhos de arqueologia e jardinagem, seguindo o ideal romântico dos jardins da época. O seu coreto foi construído em 1887, onde durante muitas décadas se realizaram com frequência concertos musicais.



Imagem 4: Coreto do Jardim Público de Évora
[<http://viverevora.blogspot.pt>]

O actual Jardim Público da cidade de Évora foi construído por iniciativa municipal entre os anos de 1863 e 1867. Foi projectado pelo arquitecto-cenógrafo italiano José Cinatti (1808-1879), responsável também pelos trabalhos de arqueologia e jardinagem, seguindo o ideal romântico dos jardins da época. O seu coreto foi construído em 1887, onde durante muitas décadas se realizaram com frequência concertos musicais.

Évora foi uma das primeiras cidades portuguesas a contribuir para a criação de bandas filarmónicas. Na primeira metade do século XIX existiam em Évora as bandas da Casa Pia e a Charanga do Regimento de Cavalaria nº5. A partir de 1881 a *Sociedade Filarmónica Euterpe Eborensis* realiza concertos no jardim público. Das comemorações do 1º de Dezembro fazia parte a interpretação do *Hino da Restauração* nas ruas e coretos da cidade.

4. JARDINS E CORETOS ESPALHADOS PELO MUNDO. MARCAS DE PRESENÇA MUSICAL PORTUGUESA

Os portugueses que ao longo da nossa história viajaram para terras longínquas levaram consigo a sua identidade cultural, em que a música é elemento fulcral, transmitindo-a aos povos que iam conhecendo. Entre muitos exemplos possíveis apresentam-se dois jardins, um do Brasil e outro de Macau e um parque no Havai, onde nos respectivos coretos músicos portugueses deram a ouvir a sua música.

4.1 O JARDIM DA LUZ DE S. PAULO – BRASIL

O Jardim da Luz é o parque mais antigo de São Paulo. A sua história vem relatada no livro *Jardim da Luz – Um Museu a Céu Aberto* (2011) escrito e organizado pelo arquitecto Ricardo Ohtake, Secretário do Verde e Meio Ambiente de São Paulo, responsável pela sua recuperação entre 1998 e 2001, e pelo historiador Carlos Dias,

chefe do Gabinete da Secretaria Municipal e coordenador do processo de recuperação do Jardim da Luz. O Jardim começou por ser um projeto botânico com um viveiro de plantas criado em 1800 por ordem real, constituindo-se como a primeira área verde da cidade. Em 1825, transformou-se em *passeio público*, proporcionando aos cidadãos uma área de lazer e refúgio da cidade. Nesse ano, a sociedade paulistana assistiu no coreto do Jardim da Luz, ao concerto da Tuna Acadêmica de Coimbra. O registo fotográfico (Ohtake & Dias, 2011) revela aquele acontecimento onde no jardim, ponto de encontro com a natureza, a música se fez ouvir no seu belo coreto, rodeado de público que ali se deslocou para disfrutar de momentos de lazer e fruição musical.



Imagem 5: Coreto do Jardim da Luz, concerto da Tuna Acadêmica de Coimbra.
[<http://mulher.uol.com.br> / Guilherme Gaensly/Divulgação]

A construção do primeiro coreto do jardim data de 1880, data em que apareceram as bandas musicais das colônias de emigrantes. O segundo coreto data de 1911 e foi projectado por Maximilian Hehl, professor da Escola Politécnica. Com a construção da estação ferroviária em 1860, que ficava no seu interior, o Jardim da Luz viu chegarem a S. Paulo milhares de imigrantes e visitantes. Em meados do século XX, tanto o jardim como o bairro envolvente começaram a entrar em degradação, chegando à década de noventa a um estado impróprio e palco de actividades marginais. A história deste jardim é um exemplo da forma como o homem actua sobre a natureza, a utiliza e transforma. Actualmente, o Jardim da Luz representa um caso exemplar de recuperação e devolução aos paulistanos de um parque na cidade que no passado tinha sido um espaço de encontro da natureza e de práticas de lazer e fruição musical da população e que num período problemático foi-se degradando. O projecto de recuperação posterior incluiu um estudo arqueológico

e uma investigação no campo botânico com vista à recuperação e distribuição das espécies originais. O coreto, a casa de chá, as esculturas do lago da Cruz de Malta e a gruta artificial foram restaurados, voltando o Jardim da Luz à função para a qual havia sido criado.



Imagem 6: Coreto do Jardim da Luz. S. Paulo – Brasil
[<http://mulher.uol.com.br> / Guilherme Gaensly/Divulgação]

Os coretos não foram, porém, apenas palcos de fruição musical. Serviram também as populações nas lutas pelos seus direitos e aspirações na 1ª República e em tempos de Ditadura. Erico Veríssimo no seu romance *Incidente em Antares* (1971)², drama insólito ocorrido numa sexta-feira, 13 de Dezembro de 1963, em plena ditadura no Brasil, descreve acontecimentos ocorridos na cidade fictícia de Antares do Rio Grande do Sul, protagonizados por uma população preconceituosa, com problemas sociais graves, em que os mais pobres são ignorados pela burguesia local. O autor, na segunda parte da obra, relata uma greve geral na cidade. Os mortos, revoltados por não serem enterrados face à adesão à greve dos coveiros, saem dos seus caixões e é no coreto da praça, frente aos cidadãos, que revelam os segredos que a sociedade esconde. A praça e o coreto são, neste romance, o palco dos acontecimentos e representam o espaço de liberdade onde todos convergem.

4.2 A MÚSICA NO JARDIM DE S. FRANCISCO EM MACAU

Entre os anos de 1890 e 1935, no coreto do Jardim de S. Francisco, havia música todas as tardes de quinta-feira e domingo pela Banda Municipal da Câmara de Macau dirigida pelo maestro Constâncio José da Silva (macaense) e por outras bandas militares. O Jardim de S. Francisco teve a sua origem com os frades franciscanos que ali se estabeleceram em 1580. Com a extinção das ordens monásticas no século XIX,

² Em 1994, “Incidente em Antares”, foi adaptado pela Rede Globo por Charles Peixoto e Nelson Nadotti, com direção de Paulo José. Do elenco da mini série constam os actores Fernanda Montenegro e Paulo Betti.

o governo macaense apropriou-se das terras e propriedades franciscanas, criando o primeiro jardim público de Macau. O coreto viria a ser demolido em 1935, com a abertura da Rua de Santa Clara.

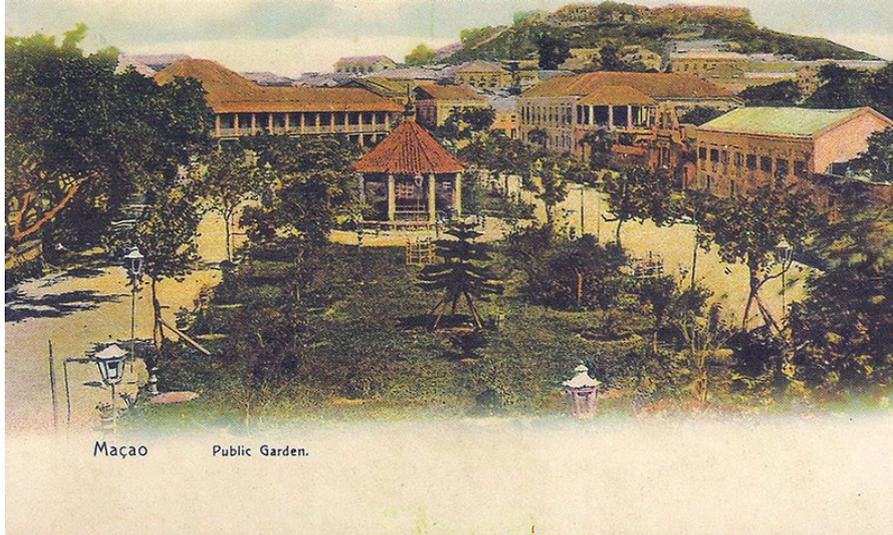


Imagem 7: Coreto do Jardim de S. Francisco – Macau
[<http://macauantigo.blogspot.pt/2012/02/coreto-do-jardim-de-s-francisco.html>]

A Banda de Macau tinha ligações a Goa, Moçambique, Timor e Sião. As redes de contacto, com trocas de partituras, eram realizadas através dos navios que estabeleciam intercâmbios entre Portos (Bispo, 2012). A *Banda dos Amadores Portugueses*, sediada em Hong Kong nos finais do século XIX, foi outra das bandas que actuava com regularidade no Jardim de S. Francisco³.

4.3 Os AÇORIANOS E A MÚSICA AO AR LIVRE NO HAVAI

Alguns dos portugueses das ilhas atlânticas que foram para o Havai participaram activamente na prática amadora musical. Os açorianos dedicavam os seus momentos de lazer à música, integrando as bandas locais, com instrumentos vindos da Alemanha em 1880. Em 1883, dois irmãos açorianos, barbeiros de profissão em Hilo, fundaram a *Hilo Portugueses Band*. Joaquim e Júlio Carvalho, e outros músicos amadores provenientes das mais diferentes profissões, actuavam com imenso sucesso, vindo a formar mais tarde a *Havai Country Band* em 1905, após a anexação do Havai pelos Estados Unidos. Na vida social de Hilo, a banda portuguesa desempenhou um papel de particular importância com os seus concertos nas praças, nos jardins e parques como o *Parque Mo'Oheau*, onde foi construído um coreto em 1904.

³ O jornal *O Macaense* deu a conhecer o contributo dos portugueses no desenvolvimento da prática musical civil em Hong Kong, revelando nas suas páginas a lista dos músicos portugueses que faziam parte da Banda dos Amadores portugueses e em que se destaca o seu Mestre Vicente Sebastião Danenberg (1841-1904).



Imagem 8: Coreto do Parque Mo' Oheau - Havai.
[<http://www.revista.brasil-europa.eu/126/Bandas-no-Havai.html>]

5. NOTA FINAL

A paisagem, a natureza e o coreto revelam-nos, numa simbiose perfeita, sinais de reafirmação local cultural e identitária da população de S. Brás em Mirandela.

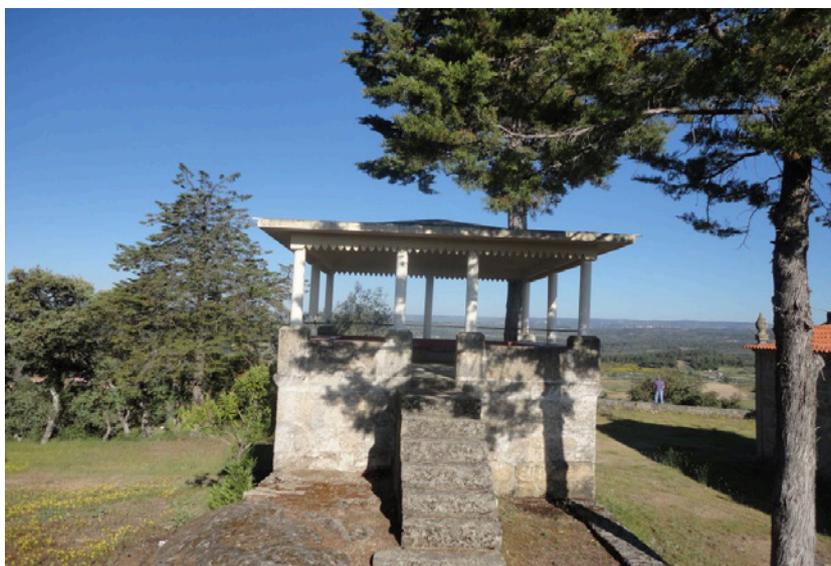


Imagem 9: Monte de S. Brás, Freguesia de Torre de Dona Chama, Concelho de Mirandela, Distrito de Bragança
[Foto: Maria Alcina. <http://reanimar-coretos-portugal.blogspot.pt>]

O desenvolvimento da prática musical amadora trouxe consigo o aumento do número de músicos das bandas de música. O seu repertório também assim o exigiu contribuindo para que os coretos tivessem deixado de desempenhar a sua função original, dado serem poucos os coretos que conseguem actualmente acolher todos os músicos. Alguns coretos recebem agora outras *performances* artísticas, numa tentativa de dinamização destes espaços culturais em ambiente saudável, próximos

da natureza, revitalizando os jardins e criando novos públicos. Em simultâneo, assiste-se hoje, em muitas cidades e vilas, e em nome do desenvolvimento urbano, ao desprezo pelas praças ajardinadas e pelos jardins e coretos neles existentes. Indicadores da herança cultural das vilas e cidades, os jardins e seus coretos, bem como as bandas que aí actuavam, fazem parte de um acervo cultural e patrimonial que urge preservar e continuar a fruir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, L. F. de (2009) Apresentação. 'Largos Coretos e praças de Belém' *Programa Monumenta*. Roteiros do Património. Brasília: Instituto do Património Histórico e Artístico Nacional.
- Araújo, I. A. De (1979) *Jardins, Parques e quintas de recreio no aro do Porto*. Actas do Colóquio 'O Porto na época moderna', Sep. Revista História, Vol II. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Baptista, J. P. da S. (2010) *Três intervenções em jardins na periferia do centro histórico de Santarém*. Diss. de Mestrado. Lisboa: Instituto Superior Técnico.
- Bispo, A.A. (2010) 'Jardins, bandas e coretos na vida urbana em seus elos com a Escócia, a Irlanda e a Inglaterra - pelo The Canadien Naval Centennial (1910-2010)', *Revista Brasil Europa Correspondência Euro-Brasileira*, 128/5.
- Bispo, A.A. (2010) 'A música de banda no Havaí nos seus elos com o Império Alemão e com a imigração portuguesa. Significado para a pesquisa das bandas de música no Brasil', *Revista Brasil Europa Correspondência Euro-Brasileira*, 126/15
- Bispo, A.A. (2012) 'Migrações a centros de comércio e mudanças de práticas tradicionais. Das cavalgadas do Divino de zonas rurais inglesas à música de banda em Manchester e na integração de portugueses no universo britânico de Hong Kong', *Revista Brasil Europa Correspondência Euro-Brasileira*, 137/15.
- Carvalho D. D. de (2010) *Origem etimológica de Coreto e denominações noutros idiomas*. <http://www.meloteca.com>. Acesso em Maio de 2013.
- Castelo Branco, S. e Lima, M. J. (1998) 'Práticas Musicais Locais: alguns indicadores preliminares', *Observatório das Actividades Culturais*, OBS nº 4, Outubro de 1998, pp. 10-13.
- Lameiro, P. (2010) 'Banda Militar', *Enciclopédia da Música em Portugal no século XX*, (Dir. Salwa Castelo-Branco) Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 113-114.
- Lourosa, H. (2009) 'A polissemia da performance. Dimensões performativas da Banda Filarmónica a partir da análise musical e da história social deste agrupamento. Um estudo de caso', *Performa '09 – Encontros de Investigação em Performance*. Universidade de Aveiro.
- Ohtake, R. e Dias, C. (2011) *Jardim da Luz – Um Museu a Céu Aberto*, S. Paulo: Senac, Edições SESC.
- Soares, E. N. (2009) (Org.) 'Largos Coretos e praças de Belém', *Programa Monumenta*, Roteiros do Património. Brasília: Instituto do Património Histórico e Artístico Nacional.
- Russo, S. B. (2008) *As bandas filarmónicas enquanto património: um estudo de caso no concelho de Évora*, Lisboa: ISCTE. Tese de mestrado. [Acesso em 28 -08-2013] Disponível em [www:http://hdl.handle.net/10071/1155](http://hdl.handle.net/10071/1155).
- Verissimo, E. (1994) *Incidente em Antares*, 39ª ed. São Paulo: Ed. Globo.